

**Economia da Energia Vital:
Arte e movimentos da transição**

Lívia Moura¹

Resumo: Através dos conceitos e ações do coletivo Vendo Ações Virtuosas, o artigo trata de movimentos contemporâneos no campo da economia e da arte, que apontam tendências para uma transição global. Onde a matéria, assim como o produtivismo e o objeto artístico deixam de ser a base fundamental dessas estruturas para dar lugar a ações, proposições, desmaterializações, energias sutis e vitais.

Palavras-chave: decrescimento econômico, energia vital, transição e arte contemporânea.

**Vital Energy Economy:
art and transition movements**

Abstract: Through the concepts and actions of the collective Seeing Virtuous Actions, the article deals with contemporary movements in the field of economics and art, which point to trends for a global transition. Where matter, as well as productivism and the artistic object, cease to be the fundamental basis of these structures to give rise to actions, propositions, dematerializations, subtle and vital energies.

Key words: degrowth economy, vital energy, transition and contemporary art

¹ Lívia Moura (1986, Rio de Janeiro) se formou na graduação no Instituto de Artes da UERJ em 2009 e se tornou mestra pela UFF em processos artísticos contemporâneos em 2018. Moura trabalha num campo das artes transbordado, atuando em escolas, ruas, instituições e feiras de arte. Dentre suas principais ações estão projetos pedagógicos na área socioemocional, intervenções urbanas com o triciclo da VAV, pinturas, vídeos e rituais performáticos.



Vendo Ações Virtuosas



Vendo Ações Virtuosas, Rio Doce: ritual de sublimação do asfalto ao mar, Rio de Janeiro, 2015.
Foto: José Eduardo Zepka.

Por muito tempo, abrimos mão dos valores comunitários e da excelência pessoal, pela mera busca do bem-estar econômico e acumulação de bens materiais. (...) Não podemos medir o espírito nacional com base no índice Dow Jones, nem os sucessos nacionais com base no Produto Interno Bruto (PIB). Porque está agregado no nosso PIB a poluição do ar e a publicidade dos cigarros, as ambulâncias para desimpedir as nossas autoestradas das carnificinas. Inclui na conta as fechaduras especiais com que trancamos as nossas portas, e as prisões para aqueles que as arrombam.

O nosso PIB compreende a destruição das sequoias e a morte do Lago Superior.

Cresce com a produção de napalm, dos mísseis e das ogivas nucleares, e compreende também a pesquisa para melhorar a disseminação da peste bubônica. O nosso PIB se infla com equipamentos que a polícia usa para reprimir as revoltas em nossas cidades. E, embora não diminua devido aos danos que as revoltas provocam, aumenta quando se reconstruem os bairros pobres sobre as suas cinzas.

Compreende o fuzil (...) e a transmissão de programas de televisão que

celebram a violência para vender mercadorias às nossas crianças.

Se o nosso PIB compreende tudo isso, não leva em conta também o estado de saúde de nossas famílias, a qualidade da nossa educação ou a alegria das nossas brincadeiras. É indiferente à decência de nossas fábricas e à segurança de nossas estradas. Não compreende a beleza de nossa poesia ou a solidez dos valores familiares, a inteligência de nossas discussões ou a honestidade de nossos funcionários públicos.

Não leva em conta nem a justiça de nossos tribunais, nem a justeza das nossas relações.

O nosso PIB não mede nem a nossa argúcia, nem a nossa coragem, nem a nossa sabedoria, nem o nosso conhecimento, nem a nossa compaixão, nem a devoção ao nosso país.

Em poucas palavras, mede tudo, exceto aquilo que torna a vida digna de ser vivida; e pode nos dizer tudo sobre a América, exceto que somos orgulhosos de sermos americanos.

(Kennedy, 1968)ⁱ

Cerca de 3 meses depois de proferir esse discurso, Robert Kennedy é assassinado na Califórnia. Quatro décadas depois é assassinada no Rio de Janeiro a vereadora Marielle Francoⁱⁱ. Mas as balas que assassinaram a vereadora ao mesmo tempo que estilhaçaram corações, amplificaram sua voz por todo o planeta. E tanto a atuação de Marielle, quanto esse discurso de Kennedy se apresentam cada vez mais penetrantes, atuais e necessários. Porque eles ameaçam os abusos das estruturas de poder, que se intensificam cada vez que o a manutenção do “estado das coisas” é ameaçado.

Suely Rolnik, psicanalista e crítica de arte, afirma que a criação e o pensamento são impulsionados pelo desassossego da crise. E o exercício lúdico, característico não só da produção artista, mas de todos os que visionam novas possibilidades, é fundamental para a criação de outros mundos (Rolnik, 2006). Segundo a autora:

Seja qual for o meio de expressão, pensamos/criamos porque algo de nossa vida cotidiana nos força a inventar novos possíveis que integrem ao mapa de sentido vigente, a mutação sensível que pede passagem.(...) É de dentro deste novo cenário que emergem as perguntas que se colocam para todos aqueles que pensam/criam – especialmente, os artistas – no afã de traçar uma cartografia do presente, de modo a identificar os pontos de asfixia do processo vital e fazer irromper aí a força de criação de outros mundos.

(Rolnik, 2006)



Precisamos nos tornar alquimistas da nossa própria energia vital, para transformar nossa inquietude e nossos sentimentos frustrados em energia motora para as transformações que queremos. Em momentos de crise podemos abraçar as seguintes perguntas levantadas pela autora:

Como liberar a vida desses seus novos impasses? O que pode nossa força de criação para enfrentar este desafio? (...) Em suma, como reativar nos dias de hoje, em suas distintas situações, a potência política inerente à ação artística? Este poder de encarnar as mutações do sensível participando assim da reconfiguração dos contornos do mundo.

(Rolnik, 2006)

Participando como um grão de areia de ondas subterrâneas e corrosivas, *Vendo Ações Virtuosas* é uma plataforma de ativismo que atua na transborda entre arte, pedagogia e economia. Somos um fluxo que pode ser enquadrado na definição de um “coletivo de arte”, uma “cooperativa de coletivos” ou mesmo “plataforma itinerante”. Mas essas definições são como tentar engarrafar uma nuvem em constante mutação. *Vendo Ações Virtuosas (VAV)* é um convite para um consumidor/investidor consciente. Ao mesmo tempo é um olhar mais atento às virtudes que brotam no caminho. Nossos empreendimentos, ações e especulações esgarçam as membranas do sentido da arte como agenciamento e geração de conectividades. O que nos inspira é gerar dinâmicas coletivas e co-autorais onde possamos potencializar afetos e afecções em suas subjetividades. A VAV foi criada em 2013 por mim (Lívia Moura) e nossos processos são encabeçados por acionistas e especuladores heterogêneos que provém de localidades diversas da cidade do Rio de Janeiro, Niterói e municípios vizinhos.

A VAV propõe adotar um programa de desenvolvimento sustentável da **Economia da Energia Vital**. Essa expressão, criada pelo físico quântico Amit Goswami, faz parte de uma inflexão planetária, se alinhando com a cosmovisão de povos ancestrais, mas também com a nova ciência - a física quântica - e a “crítica à ideia do crescimento econômico como única possibilidade de existência” (Milanez, 2016:10).





Lambe-lambe da Vendo Ações Virtuosas, impressão serigráfica feita por Los Pintores, 2017.

Investir na Bolsa de Valores Éticos para o desenvolvimento sustentável de uma economia da energia vital pode parecer uma provocação geopoética ou uma crítica ambiental lúdica; o que de certa forma é, pois o exercício lúdico e a brincadeira são fundamentais para a manutenção da vida. O historiador Johan Huizinga, responsável pela expressão *homo ludens*, defende justamente que a brincadeira e o jogo precedem a cultura. Mas a VAV também pretende provocar literalmente um desvio, uma lavagem (espiritual) que possa irrigar capital para uma bolsa de valores éticos.

Materialismo, entropia e crescimento infinito

A necessidade de crescimento infinito baseia-se numa lógica de progressão linear; a hiper-produtividade e o consumo material devem continuar aumentando exponencialmente, caso contrário a economia entra em recessão, gerando crise, desemprego e desestabilizando o mercado. Os atores econômicos veem sendo cada

vez mais empurrados num “ritmo alucinante de exploração dos recursos naturais para alimentar uma produção crescente, exigida pela sede insaciável de lucro dos detentores do capital” (Whitaker, 2016:14).

Mas sem o crescimento econômico, como podemos sustentar a economia e manter a renda e o desemprego sob controle? É comum encontrar tanto nas manchetes de jornais e quanto nos programas político-partidários declarações como: “o Brasil **não pode parar**, para que possamos retomar **o crescimento** e a geração de emprego e de renda” ou então “A primeira consequência social importante derivada do aumento do PIB é a criação de empregos e a elevação da renda do trabalho”. Segundo Felipe Milanez, professor da Universidade do Recôncavo da Bahia, o crescimento econômico é um mito fundador do Brasil moderno e é “constantemente ressignificado e rearticulado pelos ocupantes do poder central” (Milanez, 2016:9). Segundo Milanez o crescimento econômico é uma ideologia:

(...) tanto da direita neoliberal com o Avança Brasil, de Fernando Henrique Cardoso, como do centro-esquerda dos governos Lula e Dilma e seus programas de Aceleração do Crescimento (PACs) PAC1, PAC2 e PAC3 (...) ou até mesmo o Ordem e Progresso, releitura reacionária positivista do governo interino alçado ao poder após um golpe parlamentar, de um espectro de direita conservadora, por Michel Temer.

(Milanez, [2016] 2016:10)

O crescimento da economia e do PIB (Produto Interno Bruto) são atrelados à geração de postos de trabalho, independente da qualidade do trabalho gerado. O PIB é o fluxo de riqueza mercantil e monetária de um país; tudo o que pode ser vendido e tem valor monetário contribui para o seu crescimento. Sem dúvida, o aumento do PIB e o combate ao desemprego é urgente e necessário, mas desde que gere empregos que proporcionem autonomia criativa, uma renda digna e realização pessoal para quem os exerce.

Robert Kennedy, em seu discurso acima citado, declara que o PIB mede tudo, menos o que rende a vida digna de ser vivida. Poucos anos depois dessa declaração, em 1972, um rei de 17 anos, que acabava de assumir o trono do Butão, afirma que o PIB não pode ser mais importante que a FIB - ‘Felicidade Interna Bruta’. Majestade Jigme Singye Wangchuck, pôs então seus assessores para bolar uma política inédita no



mundo, que complementasse o PIB; acrescentando a este a preservação da cultura, a conservação do meio ambiente e a boa governança. À luz desse índice, intitulado FIB ou PIF (Produto Interno de Felicidade) foi estipulado que 60% do território nacional permanecesse coberto por florestas originais e, apesar de ser um dos paraísos mais preservados do planeta, o turismo é limitado para não prejudicar a cultura e o meio ambiente.

As teorias econômicas que sustentam o crescimento infinito sem estarem atreladas a um índice como o FIB, se baseiam em cálculos matemáticos alienados das condições materiais reais que o planeta tem para sustentar essa produção. Serge Latouche, um dos principais porta-vozes do Movimento pelo Decrescimento Econômico Feliz (MDF), afirma: “Não se pode continuar a fazer o mesmo número de pizzas se diminui progressivamente a quantidade de farinha, mesmo se aumentam o número de fornos e de pizzaiolos.” (Latouche, 2010:32)ⁱⁱⁱ. Os impactos socioambientais causados por cálculos matemáticos abstratos, são considerados (intencionalmente) não-econômicos e portanto, fora da área de atuação e competência de economistas à serviço da manutenção do poder (Latouche, 2010). O crescimento econômico infinito se baseia numa lógica de progressão entrópica. Nesse processo, os recursos materiais e energéticos são perdidos/degradados de maneira irreversível. Em termos práticos, Sergio Ulgiati, professor da Universidade Parthenope de Nápoles, explica que:

Quando toda a energia de um sistema torna-se não usável, já não são possíveis mais transformações do sistema. (...) [A palavra entropia] sustenta conceitos de redução da disponibilidade de recursos de alta qualidade, aumento da poluição devido a liberação de resíduos, produtos químicos e calor no meio ambiente, aumento da desordem social devido às condições degradadas de vidas em megacidades de todo o mundo, colapsos econômicos e demandas por um uso mais adequado dos recursos e prevenção da degradação do meio ambiente natural e humano (ou seja, perda de informações armazenadas).

(Ulgiati, 2016: 139)

Podemos analisar essa lógica econômica entrópica, separando-a em 5 estágios: oferta/demanda, extração de matéria prima, produção, venda e resíduos/poluição.



- Oferta e demanda:

Existe uma demanda material real para a sobrevivência da população mundial que precisa ser satisfeita de alguma forma. Mas para um sistema produtivista essa demanda básica não é suficiente. Os grandes produtores investem continuamente em engenhos humanos que possam elaborar novas demandas cada vez mais distantes das nossas reais necessidades de sobrevivência. Eles devem bolar produtos que se tornem rapidamente obsoletos e fora de moda, de modo que possam abrir espaço para que a demanda continue crescendo. A venda é assegurada pelas estratégias de marketing e psicologia dos melhores profissionais criativos do mercado. Precisamos estar constantemente nos sentindo inadequados, inquietos, com falta de algo que ainda não adquirimos. Eles vendem a felicidade, mas nós compramos a insatisfação.

- Extração de matéria prima e produção de energia:

No atual sistema globalizado, a extração de matéria prima é feita sobretudo em territórios de países subdesenvolvidos, onde o preço de extração se torna mais conveniente para o produtor do primeiro mundo. Além de leis e fiscalizações menos rigorosas em relação ao meio ambiente e aos direitos dos trabalhadores. As poucas reservas que ainda restam no “primeiro mundo” estão devidamente preservadas pelas leis locais, pois estes já se conscientizaram da importância (inclusive turística) da preservação ambiental local. Ou esses países se encontram em lugares frios, como a **Holanda que necessitam utilizar 10 vezes o tamanho da superfície do seu território, em países subdesenvolvidos, para se sustentar** (Latouche, 2010). Já sobre esse pequeno dado podemos intuir que o padrão de sustentabilidade dos países ditos “desenvolvidos”, não é um sistema reproduzível em escala mundial.



Mas a nossa síndrome de vira-lata ecoa nas afirmações cotidianas: “Nesse país nada funciona, se fosse lá fora seria muito melhor”. Onde fica esse “lá fora” do qual que estamos nos referindo? Fora do Brasil se encontram muitas realidades, inclusive a reduzida realidade europeia e americana, que podem promover um bem-estar para si próprios, mas que fortalecem sua economia e se sustentam na exploração de outros mercados e territórios. Sem contar com a China e os tigres asiáticos, que prometem reproduzir em escala ainda mais devastadora esse modelo.

A extração de matéria prima e a produção de energia num sistema desenvolvimentista é uma rede de arrastão que passa por sobre a superfície terrestre, desertificando e destruindo vilarejos e habitats naturais. Ainda estamos criando gigantescas feridas abertas, o que os yanomamis chamam de “comedores de terra” (Kopenawa. 2016): miradoras, usinas nucleares e gigantescas hidroelétricas que causam graves impactos e até mesmo desastres ambientais de proporção continental^{iv}.

- Produção:

Os países desenvolvidos também gastam grandes investimentos em cérebros locais de modo a hiper- especializar os produtos, dificultando a competição de pequenos e médios produtores. Bloqueios são criados em dispositivos para que pessoas não-especializadas não se atrevam a concertar autonomamente o produto. Enquanto isso, muitas indústrias migram cada vez mais para países em desenvolvimento, ou no “primeiro mundo” alojados em prédios de imigrantes ilegais escravizados, o que torna a produção ainda mais econômica. Produzido em larga escala e às custas da degradação do meio ambiente e da desvalorização da mão-de-obra, o produto se apresenta aos consumidores tão baratinho que se torna impossível para um artesão ou para uma pequena empresa local (sufocada pelos impostos) competir com uma dessas corporações.



- Comercialização:

A extração da matéria prima e a produção podem até se encontrar num território próximo um ao outro (o que poucas vezes acontece no mundo globalizado). Mas a venda será, se possível, espalhada por todos os quatro cantos do planeta. Intensificando, dessa forma o tráfico aéreo, rodoviário e marítimo; aumentando a necessidade de construir meios de transporte, o consumo de combustíveis fósseis e a emissão de carbono. A ideia de que o mundo virtual iria diminuir esse tráfico físico internacional não se apresenta verdadeira, já que, inserida numa lógica de crescimento, ela intensifica o comércio internacional com a facilidade de oferta e compra de produtos (Latouche, 2010). Com um só clique uma encomenda pode ser feita do outro lado do mundo; na esperança que ela não vá chegar com um pedido de socorro de um trabalhador, como tem ocorrido em produtos que chegam da China comprados no site da *Aliexpress*.

- Resíduos/poluição:

No documentário *A estória das coisas*, de Annie Leonard, a autora afirma que a grande maioria dos produtos que compramos duram apenas 1 ano e são jogados fora. Por mais que fosse implementada uma coleta seletiva planetária eficaz, a quantidade de lixo que vem sendo produzida pelo planeta não é sustentável. Não basta reciclar, é necessária uma redução radical na quantidade de resíduos poluentes sendo produzidos. E mesmo a produção de aparelhos eletrônicos e computadores que produzem uma tecnologia virtual precisa ser reduzida pois:

(...) a criação de um só computador, por exemplo, precisa do consumo de 1,8 toneladas de matéria, das qual 240 quilos de energia fóssil; enquanto



a produção de um chip de 2 gramas consome 1,7 quilos de energia e uma grande quantidade de água.

(Latouche, 2006:32)

Como podemos constatar no sistema produtivista todos os produtos que chegam em nossas mãos estão carregados de sangue humano e ambiental. Não é a toa que Serge Latouche defende que a ideologia do desenvolvimento econômico teria sido a maior arma de destruição em massa jamais imaginada pelo gênio humano (Latouche). Mas para o autor, não basta ser contra o capitalismo, é necessário desconstruir a “religião do crescimento”. O socialismo real, tal como foi implementado, foi igualmente produtivista, visando o crescimento e o monopólio da produção, num sistema industrial de degradação ambiental. Público ou privado, o paradigma do crescimento inviabilizaria a autonomia criativa do indivíduo e sua capacidade de criar relações conviviais de parceria.

O artista alemão Joseph Beuys (1921-1986) em uma conferência pronunciada em 1972 em Roma, intitulada *A revolução somos nós*, expressa um ponto de vista próximo ao de Latouche em relação ao comunismo:

(...) ao falar de revolução, eu parti do conceito de criatividade. O marxismo tentou, de modo extremamente unilateral, fazer com que a revolução nascesse do sistema produtivo. Nós temos que modificar essa lógica fazendo com que o movimento revolucionário nasça do pensamento, da arte e da ciência [conhecimento].

(Beuys,[1972] 2006:304)

O sistema econômico desenvolvimentista subverteria, em todos os casos, o próprio conceito de economia que se origina de duas palavras gregas: *oikos*, que significa lugar ou casa, e *nomus*, que significa gerenciamento. O que vemos no sistema atual é a sociedade trabalhando para a manutenção de uma macroeconomia e não a macroeconomia à serviço de um gerenciamento eficaz do lugar. A VAV defende que é necessário resgatar a economia de acordo com sua definição etimológica. Mas o paradigma produtivista nos arrasta para o crescimento infinito como um dogma religioso intocável, aumentando a concentração do capital, em consequência da sua acumulação ininterrupta na mão de um número cada vez menos reduzido de empresas e pessoas.



O sistema desenvolvimentista esmaga a produção local de pequenos empreendedores independentes e autônomos, transformando-os em operários industriais ou até mesmo indigentes. Esse paradigma econômico nos nega a capacidade de criar e suprir nossas próprias necessidades, o que Ivan Illich chama de “perda da autonomia criativa” (Illich, 2005). O crescimento econômico, dentro de um sistema capitalista, é um modo para acirrar o monopólio não só da renda e da produção, mas também do conhecimento e da cultura.

Segundo dados levantados por Latouche, se continuarmos com uma taxa de crescimento de 2% ao ano, tendo em conta o aumento da população, em 2050 serão necessários 30 planetas para sustentar nosso estilo de vida (Latouche, 2010:30). Certamente, o modelo de acúmulo de capital e degradação ambiental não é uma invenção recente. O paradigma do crescimento econômico não deixa de ser uma sofisticação de um sistema que tem suas raízes na afirmação, cada vez mais hegemônica e global, de um sistema patriarcal opressor, de conquista e dominação do outro (incluindo a biosfera). Por isso a VAV também resgata histórias sobre a transição dos sistemas de parceria para sistemas de dominação, que ocorre cerca de 3.500 a.c. no Mediterrâneo, berço da sociedade ocidental. Mas esse é um assunto para outro momento.

Estamos todos fartos de saber dos desastres ambientais e sociais que estamos imersos. Mas essa ligação do crescimento com o monopólio econômico e a degradação do meio ambiente, por motivos políticos, nem sempre nos é apresentada de uma maneira explícita. Ainda paira sobre o imaginário coletivo a máxima do ministro da ditadura militar brasileira Delfim Netto: “É preciso fazer o bolo crescer para depois reparti-lo”. Existe, entre nós, uma fé inquestionável de que o crescimento irá permitir solucionar todos os problemas, gerando postos de trabalho, investimentos em manutenção ambiental e projetos sociais. Numa atitude, podemos dizer, paternalista em relação às camadas marginalizadas e ao meio ambiente.



Na transição do sistema econômico



Vendo Ações Virtuosas, Triciclo Imantado com intervenção de Los Pintores e Bicho-grilo vendendo produtos virtuosos e sendo pedalado pela acionista Gabriela Macena, A Gentil Carioca 2018.

Se tivesse que encontrar uma imagem para a cultura diria que é uma montanha de areia. Apesar de que como artistas nos cremos muito importantes como indivíduos originais, dentro da montanha somos somente um dos grãos de areia: Em posições passivas, mantemos a estrutura. Em posições ativas, às vezes criamos pequenos derrames e avalanches. No final, entretanto, cai a montanha de areia, como resultado da posição de todos os grãos e suas interações.

(Camnitzer, s/d)

A crise gera desassossego, que pode vir acompanhado de sentimentos de raiva, tristeza e frustração; que nesse momento histórico estão gerando reações niilistas com tendências reacionárias e até mesmo fascistas. Mas a VAV escolhe justamente mergulhar com vontade no desassossego da crise, utilizando-a como uma oportunidade de transformação. Para a MTC (medicina tradicional chinesa) raiva e criatividade fazem parte da mesma energia, que tem um movimento expansivo, ligada ao fígado. Já a tristeza está ligada ao pulmão, energia de contração e introspecção, associada também à obtenção de sabedoria. Mas como produzir essa

alquimia para que a raiva não se transforme em ações violentas? Como direcionar a energia do desassossego para a transformação da realidade? E a tristeza em auto-conhecimento? Voltemos às perguntas feitas por Suley Rolnik: “Como liberar a via desses impasses?” e “Como identificar os pontos de asfixia do processo vital e fazer irromper aí a força de criação de outros mundos?” (Rolnik, 2006).

A única certeza que temos é de que as reservas planetárias estão se esgotando e os paradigmas que as estruturas de poder se nutrem não são sustentáveis por muito tempo. O desenvolvimento econômico sustentável é uma falácia. Precisamos mergulhar no nosso desassossego, nos nossos monstros, incertezas e fragilidades. Para Rolnik, os sentimentos desagradáveis geram descontentamento, o que nos impulsionaria a formular críticas e análises sobre a origem do mal que nos aflige. Enquadrando o feiticeiro, as suas estratégias sedutoras de manipulação se tornariam menores (Rolnik, 2006). Abraçar e aceitar o conflito, a sombra e a patologia é a matéria prima para as transformações necessárias ocorram, mas além disso ainda precisamos agir. Agir como alquimistas manipulando nossas energias vitais interligadas.

Latouche afirma que o crescimento econômico não é o remédio para os problemas sócio-ambientais: ele é a causa (Latouche, 2010). Por outro lado, não só não podemos negar a realidade na qual vivemos, como devemos usá-la para sua própria subversão. No filme de Godard, para destruir o sistema de controle social tecnicista de Alphaville, o detetive Lemmy Caution precisa se infiltrar no Alpha 60, máquina que controla os pensamentos, os sentimentos e o destino dos seus habitantes. Os habitantes de Alphaville deveriam abrir mão de sua expressão individual em função de uma sociedade mecânica, materialista, lógica e científica. Nessa sociedade, os pensadores - sociólogos, artistas, filósofos - são marginalizados e certas palavras vão sendo retiradas do dicionário por provocarem sentimentos que possam ameaçar o controle de Alphaville. É justamente no coração do sistema, através de uma poesia sobre o amor, que o detetive consegue desnortear e desarmar as estruturas de controle. A reação a um sistema violento e opressor é partir para a luta amada.

Mas a arte, o ativismo (e afetivismo), as novas economias e os resgates de



manifestações tradicionais são presas fáceis do sistema. E podem facilmente servir como mais um modo de alimentar, renovar e impulsionar a sua engrenagem. A respeito desses perigos Rodrigo Nunes observa:

Se, por um lado, o trabalho imaterial criativo é aquele que objetivamente manifesta a maior propensão à auto-organização colaborativa (“o potencial para uma espécie de comunismo espontâneo e elementar”), é também, por outro, aquele em que o apelo subjetivo da “cafetinação” é mais forte.

(Nunes, 2015)

Conscientes dos mecanismos que o sistema encontra para neutralizar os desassossegos, uma contra-cafetinação consistiria no que Walter Benjamin afirma: “não abastecer o aparelho de produção sem modificá-lo o máximo possível” (Nunes, 2015). Mas acabam sendo incertas as fronteiras entre ser cooptado pelo aparelho de produção e estar transformando-o inserido nele. É por isso que a VAV investe não somente no campo ideológico da economia, mas também em processos e rituais de “alfabetização emocional”^v, nos quais possamos despertar o que Rolnik chama de “corpo vibrátil”^{vi}; de modo que possamos também reconhecer e emancipar nossos mecanismos internos de controle e opressão. Pois são eles que sujeitam e são assujeitados pelos mecanismos externos. Para que seja sustentável ao longo do tempo, a transição do atual sistema econômico precisa estar entrelaçada por processos pedagógicos, redes capilares que descolonizem o nosso pensamento e emancipem as subjetividades. É um trabalho *êxtimo*, íntimo e exterior ao mesmo tempo (Lacan, 1988); lento e subterrâneo, mas corrosivo e penetrante.

Em diversas ações e especulação da VAV ligadas à alfabetização emocional exploramos a possibilidade de escolher entre dois óculos: um é o da abundância e o outro o da escassez. Os óculos da escassez podem ser comparados com o paradigma do crescimento econômico: “Temos MEDO que falte! Então temos que acumular, pois não teremos suficiente”, “Nós, VIPs, devemos excluir as pessoas, pois não vai dar para todo mundo”, “Eu, predador, só vou me dar bem se esmagar os outros”, “Temos que competir (e nos odiar) para ver quem é o vencedor e quem são os perdedores.”, etc.

E infelizmente o sistema vem através dos séculos intensificando, sofisticando e solidificando esses pensamentos no nosso imaginário, não somente no universo



econômico; ele contamina todos os ambientes que frequentamos - as escolas e universidades, as relações profissionais e afetivas e até mesmo o lazer e os jogos. Para descolonizar o imaginário patriarcal da escassez precisamos trocá-lo pelos óculos da abundância - no contra-fluxos dessas ideologias e imaginários - que possam se infiltrar em nossos corações e mentes afirmando que: “Não vai faltar, pois tem para todo mundo”, “Quanto mais você está bem, mais eu estou bem”, “Quando você ganha, eu ganho e quando você perde, eu perco”, “Unidos somos mais fortes, aumentamos o fluxo e podemos ser inclusivos”, “Devemos cooperar uns com os outros para que todos tenham em abundância”.

Mas, imersos numa dinâmica de escassez, como fazer a transição para a abundância? Ninguém solta a mão de ninguém. Esse é o momento de criar laços, redes de redes que nos interliguem materialmente e sutilmente com todos os seres que nos sustentam. É o momento de entender profundamente o que os povos ancestrais de língua banto na África chamam de Ubuntu: “Eu sou porque nós somos”. Em sintonia com um importante princípio quântico no qual seria justamente no alinhamento de nossas intenções com as demais que residiria o poder causal (Goswami, 2015:93). Na filosofia desses povos, uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas. Dessa forma:

(...) quando for necessário escolher entre a preservação, principalmente da vida humana, e a posse de riqueza em excesso, deve-se optar pela preservação da vida. A filosofia do Ubuntu (botho ou hunhu) está ancorada no princípio ético da promoção da vida por meio da preocupação mútua, do cuidado e do compartilhamento entre seres humanos e com relação ao ambiente mais amplo de que eles fazem parte. A filosofia Ubuntu entende a vida em sua integridade

(Ramos, 2016)

O que Serge Latouche defende em relação à transição da economia é que seja adotado um sistema de decrescimento econômico sereno e feliz, que é o oposto do estado de recessão. O decrescimento consistiria em buscar meios para sair da lógica do crescimento, aumentando a autonomia criativa de indivíduos inseridos em sistemas de produção cooperativos. O decrescimento não é um estado fixo, ele é um processo, uma transição econômica dos óculos da escassez para os óculos da abundância.



Mais um aspecto que vem se alinhando a esses pensamentos descoloniais e decrescentistas é discutido no livro “Ajuda Mútua: um fator de sobrevivência” pelo geógrafo e ativista político russo Piotr Kropotkin (1892-1921). Nessa publicação o autor reflete sobre como a luta pela sobrevivência do mais forte sobre o mais fraco, baseada nas teorias darwinistas, foi um grosseiro desentendimento criado por motivos políticos. Nessa obra, o autor irá defender que a cooperação e a ajuda mútua seriam mais importantes do que a guerra e a competição para a preservação da vida planetária. Segundo o autor, os animais e os indivíduos mais aptos a sobreviver não seriam necessariamente os mais fortes e mais astutos e sim aqueles que, fossem fortes ou fracos, aprendessem a se associar de modo a se apoiarem mutuamente pelo bem-estar da comunidade. Portanto: “Aqueles comunidades (...) que possuíam o maior número de membros mais cooperativos seriam as que melhor floresceriam e deixariam a prole mais numerosa” (Kropotkin, 2009: 163). Seus estudos não são uma negação da competição, mas da afirmação da cooperação como principal fator da manutenção da vida planetária. Segundo Fábio Otuzi Brotto, autor de diversas publicações, jogos e projetos cooperativos, o próprio Darwin teria afirmado que o valor mais alto para a sobrevivência estaria na inteligência, no senso moral e na cooperação social e não na competição (Brotto, 2002).

Investir em Ações Virtuosas

O universo é auto-consciente através de nós.

(Amit Goswami)

A cosmovisão holística da VAV aponta para uma transição planetária através de um sistema econômico que pense no equilíbrio e na manutenção da energia vital. Atuando como um “ativismo quântico” - termo cunhado por Amit Goswami^{vii}. Para o autor, esse ativismo seria um modo de transformar a nós mesmos e a nossa sociedade de acordo com os princípios quânticos. Nesta abordagem, a consciência e não a matéria estaria na base de todas as ações, objetos e acontecimentos. Essa consciência, que é a base de toda existência, pode ser comparada com Deus, Tao,



Bhrama ou Tupã, pois é uma consciência não- local, auto- consciente, que se manifesta através de nós (Goswami, 2010). E a nossa realidade seria apenas uma das possibilidades dessa consciência de se manifestar.

Para o físico, o ativismo quântico deveria se infiltrar em todas as áreas de atuação social: arte, saúde, política, educação, economia, etc. Sendo um veículo fundamental para crescermos juntos, transformando o materialismo científico destrutivo que se apresenta arraigado em nossa sociedade (Goswami, 2010). O autor defende que a economia, à luz da nova ciência, não se basearia somente no crescimento da produção material, mas também no crescimento da tecnologia da energia vital (Goswami, 2015):

A economia é o gerenciamento do lugar onde vivemos, e isso significa o mundo físico, o mundo mental dos significados, o mundo vital dos sentimentos e o mundo supramental dos valores arquetípicos, inclusive o mundo espiritual da consciência quântica, a base da existência.

(Goswami, 2015: 138)

Para Goswami nosso corpo seria constituído por um corpo denso/material, que s nosso *hardware*, e os corpos sutis, que são os nossos *softwares*. Os corpos sutis se dividem entre: corpo energético, corpo mental e corpo supramental^{viii}. E na base fundamental desses 3 corpos estaria a consciência não-local. Para alimentar o corpo supramental, por exemplo, seria necessário abrir espaço para a intuição provinda da consciência não-local, intuições de virtudes como: amor, abundância, criatividade, compaixão, beleza, justiça, etc. Dessa forma a ética seria também reintroduzida nas relações econômicas, tanto freando os impulsos perversos e corruptos, quanto os lucros exorbitantes da especulação monetária (Goswami, 2015). Nas palavras do autor:

A teoria clássica do capitalismo só considera a dimensão física da realidade, e prevê um capitalismo sempre em expansão – o que não é sustentável. O problema é que não somos apenas matéria. Somos também o que sentimos, o que pensamos, e ainda os arquétipos de amor, beleza, justiça, existentes no nível sutil do nosso ser. O economista Adam Smith, criador do capitalismo moderno, ignorou essas coisas, pois não eram mensuráveis. É por conta dessa falha que temos esses ciclos de recessão e expansão econômica, que não podemos sustentar. Quando introduzimos na equação econômica o nível sutil da pessoa humana – as energias vitais, o processamento de significados mentais e o nível supramental, no qual estão os valores arquetípicos -, percebemos que ela se fecha.

(Goswami, 2007)



Essa crítica à condição da antiga ciência que reduz a totalidade à realidade material, também teria sido levantada em 1972 por Joseph Beuys:

(...) o conceito atual de ciência tem uma validade extremamente parcial, que não pode se referir a todos os problemas do homem, por que está baseado preponderantemente nas leis da matéria.

E aquilo que se refere à matéria não pode, necessariamente, referir-se à vida.(...) Foi com Platão que, pela primeira vez, a razão, entendida como princípio supremo, assumiu a primazia sobre outras formas de conhecimento.

A razão respeita as leis da lógica. Na história ocidental foi progressivamente afirmando-se um conceito que abraça a compreensão dos fenômenos físicos e matemáticos. (...) De Platão a Aristóteles, através de Descartes, Kant, Hegel, Darwin, Marx etc.: esse é o percurso evolutivo que levou a ciência baseada essencialmente na matéria.

(Beuys,[1972] 2006: 306/307)

Mas, de acordo com a nova economia especulada por Goswami, o dinheiro continuaria sendo a principal fonte das transações econômicas. E onde se inserire então o mercado financeiro, à luz desse ativismo quântico? Segundo o autor, numa economia baseada na nova ciência, a energia do dinheiro precisaria ser transformada e, nessa operação, o mercado especulativo tenderia a se extinguir:

Desde seu advento, o dinheiro sempre foi considerado uma representação, um símbolo de alguma coisa com significado e valor. Mas quando o significado e o valor foram conspurcados, muitos economistas começaram a tratar o dinheiro como se tivesse um valor intrínseco por si próprio. Assim nasceu a economia monetária. (...) Uma influência importante da atitude materialista do dinheiro com valor intrínseco foi a criação de transações econômicas completamente desprovidas das transações econômicas normais, de produção e consumo. Isso trouxe uma consequência potencialmente desastrosa: a maioria das transações monetárias no atual mercado de câmbio é desprovida de qualquer conexão com a economia de bens e serviços; em vez disso é especulativa, parecendo um jogo em um cassino global.

(Goswami, 2015:195/196)

Criado para gerar recursos que impulsionassem empreendedores e a economia real, o mercado especulativo teria passado a orientar-se exclusivamente para a maximização do lucro e as demandas da economia real deixaram de ser relevantes em suas decisões. Em resumo, ao invés de trabalhar para a economia real, o que acompanhamos globalmente é a economia real trabalhando para o mercado especulativo. O autor incita os empresários a se inserirem na economia e nos negócios sutis, utilizando o dinheiro em suas transações, mas de modo a transformar a sua energia para que ela não pareça mais incompatível com as energias do **amor**;



percebendo o dinheiro como uma energia criativa, que possa ajudar-nos a criar novos significados e valores. A medida que o **dinheiro** aproxima a pessoa da integridade mediante investimentos de felicidade, ele adquire uma energia **sagrada** (Goswami, 2015:197). O próprio mercado de arte poderia se alinhar às tendências da nova era vendendo, investindo e vendo ações virtuosas.



Lívia Moura, detalhe do buraco do porquinho de argila e pérolas usado no ritual de lavagem de dinheiro, Jacaranda, Rio de Janeiro, 2018.

Para Nietzsche a virtude dadivosa é a mais elevada das virtudes, entendida em termos de generosidade espiritual. O dom de doar virtudes é o que Nietzsche, em Zarathustra, enuncia como dádiva de retornar riquezas para a vida. A generosidade e a doação são temas importantes para o autor, que a entende em termos de generosidade espiritual (Nietzsche, 2017), muito próximas das cosmovisões dos povos tradicionais.

Dinheiro é o sangue da sociedade e bombeado por um coração virtuoso se permite que ele circule por todas as artérias até as suas extremidades capilares mais distantes. O sangue não pode ficar estagnado, coagulando; dessa forma ele se torna

um câncer que se espalha por todo o corpo social. O sangue não pode ser desviado; um corte profundo faz com que ele se esvaia e o corpo social adoça ou morra.

Manejar o dinheiro resgatando sua função primária, pode ser em si um ato espiritual e pedagógico como um ritual de iniciação humana. Para o ativismo quântico, dinheiro e espiritualidade devem estar atrelados, ao contrário da visão religiosa anti-materialista que nega o dinheiro e o prazer da matéria (pelo menos nas mãos dos devotos). Auto-flagelações, auto-restrições físicas e materiais não estão alinhadas com a nova ciência que prega a abundância e o bem-estar. Esta que compreende não somente a abundância material e pessoal, como a abundância coletiva e sutil.

Procuram-se corações virtuosos para transfusões de \$angue



Arte e movimentos contemporâneos na construção da economia da energia vital



Vendo Ações Virtuosas, Lavagem de dinheiro, ritual com Livia Moura, Nora Barna, Joana Caetano e canto de Zaha Guajajara, instalação com pinturas, plásticos costurados e videoarte de Livia Moura, Jacaranda, Rio de Janeiro, 2018.

É essa a tecla fundamental do novo conceito de anti-arte: não martelar contra a arte do passado ou contra os conceitos antigos (como antes ainda uma atitude baseada na transcendência), mas criar novas condições experimentais, em que o artista assume o papel de “proposicionista”, “empresário” ou mesmo “educador”.

(Hélio Oiticica, 2006)

Desde de que a VAV fora idealizada existia a vontade de assumi-la não como um coletivo, mas como uma “empresa de verdade”, consciente da dimensão irônica e desafiadora que isso implicaria. Apesar de Hélio Oiticica ter visionado já na década de 60 que o artista estaria se tornando “um propositor, empresário ou até mesmo educador” (Hélio Oiticica, 2006: 167), assumir um processo artístico como uma

empresa, poderia (ironicamente) nos aprisionar ao universo do crescimento econômico patriarcal, que estamos justamente questionando.

Acreditamos que o exercício experimental para a criação de uma nova organização econômica é também um processo pedagógico que levanta discussões sobre mudanças de paradigmas. É de se notar que Oiticica escreve por último a expressão “até mesmo educador” sobre o papel do artista, o que nos faz entender que essa seria a função mais subversiva que ele poderia visionar naquele momento. Joseph Beuys afirma que todo ser humano é um artista, educador, político e ativista ambiental. Segundo Beuys seria nossa tarefa fazer, por todos os meios possíveis, com que as pessoas voltem a se interessar pelo “social” e a retomar o seu sentido inato de coletivismo (Beuys, [1972] 2006).

Desde os anos 60, vem sendo falado cada vez mais em territórios de resistências e vivências coletivas, multiplicando-se os processos relacionais de desmaterialização da forma-objeto artístico. Essa intenção de criar uma distância zero entre a experiência de criação e da recepção, entre a política, o corpo da obra e o dos participantes é uma das questões centrais da arte emergente nos anos 60 (Vergara, 2013). Seguindo nessa linha, ou melhor, esse emaranhado de estratégias, tem se tornado cada vez mais frequente a produção de práticas híbridas entre a arte e a sociedade.

Muitos artistas e coletivos têm utilizado “as possibilidades regenerativas do fazer comunitário” (Plástica, 2015: 60) para encontrar soluções para pequenos e grandes problemas que emergem no nosso cotidiano. Utilizando a arte como produção de subjetividades em novas partilhas de estar no mundo. Do ponto de vista do materialismo científico e do desenvolvimentismo, a função da arte que não se enquadra num produto do mercado é limitada, para não dizer supérflua. Mas para o ativismo quântico ela pode ser uma chave fundamental e integradora. Podemos até mesmo cogitar que os artistas podem ser uma espécie de xamã do corpo sutil, canalizando a intuição supramental da criatividade para ajudar no nosso alinhamento com a consciência quântica. Os bons encontros, promovidos pelas manifestações culturais e artísticas, podem ser um dos principais disseminadores



do compartilhamento de tecnologias sutis, que promovem a pluriversalidade das subjetividades (Mignolo, 2010) e a manutenção da energia vital.

A VAV propõe que as pessoas que trabalham para a transição do sistema (inclusive os artistas), tenham um papel na nova economia como tecnólogos da energia vital. Buscamos em nossas ações subverter a lógica “hermetista separatista” (para não dizer elitista) dominada pelo mercado materialista e intelectual da arte. Tocando no que tange o contínuo embate pela reconfiguração de estratégias da arte para se infiltrar na vida como processos de transformação holística.

Quando Mario Pedrosa afirma que “A arte é o exercício experimental da liberdade” ele se refere as proposições de artistas como HO, que vinham incluindo cada vez mais o público como participante; não somente no sentido de “manipulação” da obra ou “participação sensorial corporal” (epistêmica), mas também envolvendo- o numa participação “semântica”, que pudesse alimentar o corpo sutil mental. Ou seja:

(...) uma participação fundamental, total, não fracionada, envolvendo os dois processos, significativa, isto é, não se reduzem ao puro mecanismo de participar, mas concentram-se em significados novos, diferenciando-se da pura contemplação transcendental.

(Oiticica, [1986] 2006:163)

No artigo “Comunidades, pedagogias e transgressões” escrito por Fred Coelho para a segunda edição da revista do *Instituto MESA*, o autor afirma que a arte, cada vez mais, aponta para as possíveis formas de inventarmos esse estado político de comunidade. Segundo o ator:

Mais uma vez, é a arte que oxigenará o fluxo de energia sempre que visar à conexão das partes rachadas, a revelação dos discursos silenciados, a invenção de mundos possíveis. Ela instaura em cada zona de tensão (ambiental, social, estética e histórica) microutopias fundadoras de outros futuros, construídos coletivamente.

(Coelho, 2015:9)

Dessas reflexões sobre os trabalhos artísticos que transitam entre arte e pedagogia apresentados na mesma edição da revista, emerge a segunda pergunta: “Como viver juntos?”. Entendendo que o poder regenerativo do fazer comunitário é fundamental para questionarmos os nossos limites e para desmontarmos poderes e saberes normativos da existência; “Viver juntos por que apenas juntos as soluções serão DE



TODOS” (Coelho, 2015:11).

O pensador austríaco Ivan Illich^{ix} chama de “sociedades conviviais” as sociedades nas quais os instrumentos sociais não são reservados à um corpo de especialistas ou por quem detém o monopólio da produção e do capital. Seria através do exercício da convivência que os atores sociais iriam construir seus modos de produção. Para Illich, o homem não viveria somente de bens e de serviços, mas da liberdade de modelar os objetos que estão a sua volta, de conformar-lhes ao seu gosto. A passagem da produtividade para a convivência seria a passagem da repetição da carência para a espontaneidade da dádiva, da técnica para a ética. Buscando resgatar cada vez mais o direito de utilizarmos a nossa energia de maneira criativa, permitindo a todos de participar também da construção e da criação da vida social. Para o autor, a autonomia criativa e participativa é um dos pilares fundamentais para se construir uma sociedade livre e justa (Illich, 2005).

Além disso, Illich defende que é preciso encontrar um limite saudável para o consumo e o desenvolvimento. Da mesma forma que o caramujo interrompe sua produção para poder continuar suportando a casa nas suas próprias costas, o indivíduo pode buscar a medida justa para que a sua produção seja permanente e sustentável. Illich chama de austero, aquele que encontra a sua própria alegria no emprego do instrumento convivial:

Austeridade não significa, de fato, isolamento ou fechar-se em si mesmo. Pra Aristóteles como para São Tomaz Aquino, é o fundamento da amizade.(...) Tomaz define austeridade como uma virtude que não exclui todos os prazeres, mas somente aqueles que degradam e obstruem as relações pessoais.

(Illich, 2005: 15)

Em consonância o pensamento de Illich, vem surgindo diversos movimentos a nível global que podemos chamar de “decrecentistas”; buscando uma emancipação de indivíduos austeros e conviviais na sua autonomia criativa. Dentre eles está o *slow food*, que se ocupa de uma cadeia de produção alimentar, desde a compostagem, o adubo, o cultivo orgânico dos alimentos e a produção numa atitude de parceria com a biosfera e seus habitantes. Outro movimento é o *Km Zero*, incentivando a utilização de produtos e serviços locais - rompendo com o monopólio da produção de serviços



e produtos homogeneizados - que não precisam rodar quilômetros pelo planeta até chegar ao consumidor. Também em sintonia com esse movimento existe também o *compre de quem faz*, valorizando o produtor e reduzindo, dessa forma, os intermediários e os lucros exorbitantes que estes ganham às custas do meio ambiente e dos trabalhadores. Assim como a emissão de moedas locais de troca, criando uma circulação paralela de dinheiro, que pode em momentos de crise aguda ajudar a população a se auto-regular, como aconteceu na Argentina no início dos anos 2000.

Faz parte desses movimentos também o crescente interesse e valorização pelos conhecimentos de povos ancestrais e suas cosmovisões (*Ubuntu*, *Teko Porã* e *Sumak Kawsay* são apenas alguns de seus lemas). Podemos citar também o *do it your self* (faça você mesmo) que estimula o indivíduo a saciar suas próprias necessidades de serviços e produtos de modo artesanal: utilizando a marcenaria, a cerâmica, a tecelagem, ervas medicinais, etc. Mas também manejo de “tecnologias doces”, aquelas que pessoas e pequenas empresas, que não são altamente especializadas, possam utilizar e reproduzir (Latouche, 2010). Como no movimento *maker*, por exemplo, que abarca também tecnologias como a robótica e *games*, onde objetos eletrônicos são criados por qualquer pessoa e até mesmo crianças. A nova fronteira da tecnologia material é produzir suportes/dispositivos eletrônicos básicos para que pessoas e pequenas empresas possam, a partir deles, criar novas tecnologias. Alimentando não só as necessidades materiais mais também sutis dos produtores, podendo encontrar soluções para problemas locais. Como a produção de energia, por exemplo, numa escala menor e mais sustentável ambientalmente.

Considerações finais

O abandono do sistema produtivista e trabalhista atual pressupõem uma organização radicalmente diversa na qual o divertimento e o jogo têm tanto valor quanto o trabalho, nos quais as relações sociais prevalecem sobre a produção e o consumo de produtos “usa e joga fora” inúteis se não até mesmo nocivos. (...) essa reconquista do tempo, livre é uma condição necessária para realizar a descolonização do imaginário.

(Latouche, 2010: 153)



Para que a recessão econômica seja subvertida em crescimento da energia vital, precisamos decrescer e desmaterializarmo-nos. Resgatando o sentido da contemplação e da brincadeira, reafirmando a importância do ócio e das práticas artísticas na construção de uma transição global. A teoria do não-objeto de Ferreira Gullar^x, a supressão do objeto por Lygia Clark^{xi}, o mergulho no lazer-prazer-fazer (o Crelazer) e a desmaterialização do objeto de Hélio Oiticica exercitariam um desmantelamento do paradigma absoluto e central do objeto. E, assim como o minimalismo, os *happenings*, performances e a *land art*, estariam dando lugar à uma consciência de espaço (afetivo e energético) e de questões sensoriais, que vão muito além da “aristocracia visual” (Oiticica, 1986) de um objeto material. É interessante observar como, vem surgindo e se afirmando nas últimas décadas movimentos denominados “arte ambiental”, “arte engajada”, “arte contextual”, “arte relacional” e “afetivismo”. Alinhados com movimentos globais, ancestrais e transtemporais que representam o espírito de transição do nosso tempo.

Podemos dizer também que o decrescimento e a desmaterialização do objeto de arte atuam como um ativismo quântico, deslocando o foco da matéria (como a base de tudo) em prol da tecnologia da energia vital. As políticas decrescentistas são insustentáveis sem a construção de redes sociais solidárias. E a arte é justamente um dos veículos mais fundamentais de agregação, comunicação e até mesmo educação. Portanto, tanto a arte quanto a economia de transição estariam atuando pela desconstrução do imaginário ligado à hiper-produção e consumo de objetos.

As verdades universais que sustentam o sistema estão se estilhaçando. O fascismo parece ser a última cartada para de um sistema moribundo que tenta se segurar numa matéria que se torna cada vez mais sutil e incerta. Não existe uma resposta única para a crise, mas a pluriversalidade, que convoca a todos nós a sermos responsáveis pela nossa existência êxtima (íntima e exterior ao mesmo tempo). A democracia não pode ser construída por espectadores passivos de grandes ditames vindos de cima para baixo. Mas pela cogestão e autodeterminação de alquimistas da energia vital; conectados em relações de interdependência material e sutil, local e



global.

Finalizo essa fila de palavras com uma frase de Milton Santos, um dos mais importantes pensadores brasileiros: “É preciso deixar o território falar”.

Notas:

ⁱ Tradução livre do discurso proferido por Robert Kennedy em 1968, na Universidade de Kansas, durante a sua campanha presidencial pelo partido Democrata.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OYLhM4FweIQ>

Pesquisado em: 20/06/2017.

ⁱⁱ Ela havia sido eleita relatora da comissão de acompanhamento da intervenção militar federal, que vem ocorrendo na cidade do Rio de Janeiro e vinha denunciando os abusos de violência nos subúrbios.

ⁱⁱⁱ Tradução Livre.

^{iv} Como foi o rompimento da barragem da Vale do Rio Doce em Minas Gerais em 2015. Um dos maiores desastres ambientais da história do planeta e que permanece até hoje impune.

^v Os 3 principais eixos de atuação da VAV são: 1 Economia da energia vital, 2. Resgates e reinvenções na descolonização do patriarcado e 3 Alfabetização Emocional. A Alfabetização Emocional é entendida como um processo de criação colaborativa e ao mesmo tempo subjetiva de reciclagem das emoções que dura toda a vida. Desde 2012 venho desenvolvendo projetos em escolas e festivais na área de competências socioemocionais e atualmente estou escrevendo um material didático nessa área para o ensino fundamental junto à editora Raiz educação.

^{vi} Estudos neurológicos demonstram que nossos órgãos têm o sentido cortical e subcortical. Na interpretação de Suely Rolnik, o primeiro estaria ligado ao tempo, à história do sujeito e à sua linguagem. O cortical seria o que delimita o sujeito e o objeto em uma relação de exterioridade e permite que nos movamos em um cenário conhecido e estável. O subcortical, que ela chama de “corpo vibrátil”, seria constituído pelas sensações desvinculadas da história do sujeito, onde o Outro é vivo, é parte de nós mesmos. Neste caso se dissolvem as figuras entre sujeito, objeto e aquilo que separa o corpo do mundo, criando assim uma *desterritorialização* de nosso arsenal cognitivo vigente. Esse não-reconhecimento geraria uma crise nas nossas referências e essa crise seria o agente motor da criação e do pensamento. (Rolnik, 2006)

^{vii} Amit Goswami é PhD em Física Quântica pela Universidade de Calcutá (Índia), professor aposentado do Departamento de Física da Universidade de Oregon (EUA).

^{viii} O corpo energético abarcaria os nossos chacras, cada um deles relacionados com órgãos ou glândulas importantes do corpo. O corpo energético seria também o corpo dos nossos sentimentos e emoções. Tanto quanto o corpo físico ele precisa ser bem alimentado, nesse caso com emoções propositivas. Já o corpo mental deveria ser alimentado com conhecimento, mas também com ações que tenham significado, trabalhos e funções que façam sentido para a pessoa que os exerce. Já existe uma prática em indústrias automobilísticas japonesas onde os funcionários participam de diversas funções na cadeia de produção. Dessa forma, além da aquisição de um conhecimento geral de engenharia, o seu trabalho deixa de ser uma função alienada e alienadora, ganhando mais sentido para quem a desenvolve. Na economia quântica esse tipo de processo poderia a se expandir até que todos possam exercer autonomia criativa integrando funções de diversas áreas, desde a limpeza do ambiente à gerência dos negócios. O terceiro corpo sutil seria o corpo supramental, onde se manifestaria a intuição dos valores arquetípicos como amor, beleza, justiça, ética, compaixão, criatividade, etc.

^{ix} Ivan Illich (1926-2002) foi um dos primeiros e mais importantes pensadores a questionar a ideologia do desenvolvimento ilimitado, inspirando diversos movimentos, dentre eles os anarquistas.

^x “Teoria do não objeto” é o título de um artigo de Ferreira Gullar publicada numa edição do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil como contribuição à II Exposição Neoconcreta, realizada



no salão de exposição do Palácio da Cultura, Estado da Guanabara, de 21 de novembro a 20 de dezembro de 1960.

^{xi} “De la supression de l’object” (a supressão do objeto) foi um texto de Lygia Clark publicado originalmente em francês na revista *Macula* (Paris, 1973). Lygia Clark (1920-1988) foi uma das precursoras de uma arte que prioriza uma imersão sensorial, numa dimensão quase ritualística e que termina sua trajetória mergulhando em processos terapêuticos.

Bibliografia:

BEUYS, Joseph. “A revolução somos nós” [1972] In FERREIRA Glória, COTRIM, Cecília (Orgs). *Escritos de artista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 300-324

CAMNITZER, Luis. Ensaio: Pensamento crítico, s/d.

BROTTO, Fábio Otuzi. *Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência*. Santos: Ed. Projeto Cooperação, 2002.

CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física: um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*. São Paulo: Ed. Coltrix, 1995.

DAVALOS, Pablo. “El Sumak Kawsay (“Buen Vivir”) y las cesuras del desarrollo” [2008] in HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis, GARCÍA, Alejandro Guillén e GUAZHA, Nancy Deleg (editores). *Sumak Kawsay Yuyay*. Huelva y Cuenca: Fiucuhu, 2014.

CLARK, Ligia. A supressão do objeto In FERREIRA Glória, COTRIM, Cecília (Orgs). *Escritos de artista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 350- 356

COELHO, Fred. “Comunidades, pedagogias e transgressões” in GOGAN, Jessica e VERGARA, Luiz Guilherme (orgs). *Espaços poéticos= linguagens éticas: diversas práticas na américa latina*. Revista MESA n. 2Ed. Azougue, maio 2015. P. 8-11

GOGAN, Jessica e VERGARA, Luiz Guilherme. Revista MESA on-line. Disponível em: <http://institutomesa.org/revista-mesa/> Pesquisado em: 23/5/2018

GOSWAMI, Amit. *Economia da Consciência*. São Paulo: Aleph, 2015.

GOSWAMI, Amit. *O ativista quântico: princípios da física quântica para mudar o mundo e nós mesmos*. São Paulo: Aleph, 2010.

GOSWAMI, Amit. *A criatividade Quântica*. São Paulo: Aleph, 2008.

GOSWAMI, Amit. Entrevista: “A economia espiritual de Amit Goswami”, 2007. Disponível em: < <https://www.revistaplaneta.com.br/a-economia-espiritual-de-amit-goswami/> > Pesquisado em: 28/09/2016

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ILLICH, Ivan. *La convivialità*. Milano: Ed. Boroli, 2005.



KENNEDY, Robert. Discurso proferido na Universidade de Kansas, 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0YLhM4FweIQ> Pesquisado em: 20/06/2017.

KORTEN, David. “A Grande Virada: do Império à comunidade da Terra”. In: Jonathan Dawson, Helena Norberg-Hoget e Ross Jackson, orgs. *Economia de Gaia*. Rio de Janeiro: roça nova, 2017. p. 23 – 30

KROPOTKIN, Piotr. *Ajuda mútua, um fator de evolução*. São Sebastião: Ed Senhora, 2009.

LACAN, J. (1959-60/1997) *O Seminário Livro 7, A ética da psicanálise*. Ed. Jorge Zahar, 1988.

LATOUCHE, Serge. *La scommessa dela decrescita*. Milano: Feltrinelli, 2010.

MALDONADO, Luis. “El Sumak Kawsay / Buen Vivir / Vivir Bien. La experiencia de la República del Ecuador” [2010]. In: CAPITÁN, Antonio Luis Hidalgo, GARCÍA, Aljandro Guillén e GUAZHA, Nancy Deleg (Ed). *Sumak Kawsay Yuyay*. Huelva y Cuenca: 2014. P. 193-210

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Colección Razón Política. Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. “El Pensamiento Descolonial: desprendimento e abertura. Un manifesto” In: GÓMEZ, Santiago Castro e GROSFUGUEL, Ramón (ed). *El Giro Descolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.p 25-46

MILANEZ, Felipe. “O que pode vir a ser no Brasil a ideia de decrescer? In: D’ALISA, Giacomo, DEMARIA, Federico e KALLIS, Giorgos (orgs). *Decrescimento: vocabulário para um novo mundo*. Porto Alegre: Tomo, 2016. p. 9-14.

NIETZSCHE, Friedrich, *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. Ed. Martin Claret, 11 reimpressão, 2017.

NUNES, Rodrigo. “Por uma política de contra-cafetinagem” in GOGAN, Jessica e VERGARA, Luiz Guilherme (orgs). *O sentido de público na arte*. Revista MESA n.3. Ed. Azogue, maio 2015. Disponível em: http://institutomesa.org/RevistaMesa_3/rodrigo-nunes/ Pesquisado em: 21/02/2018

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Seleção de textos: Luciano Figueiredo, Lygia Pape e Waly Salomão. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.

OITICICA, Hélio. “Esquema geral da nova objetividade” [1967]. In FERREIRA Glória, COTRIM, Cecília (Orgs). *Escritos de Artistas*. Ed Jorge Zahar, 2006. p. 154 – 168.



PANKSEPP, Jaak. *Affective neuroscience: The foundations of human and animal emotions*. Oxford: Oxford university press, 2004.

PLASTICA, Ala. *Iniciativa Biorregional: A redefinição dos espaços de criação e ação*. In in GOGAN, Jessica e VERGARA, Luiz Guilherme (orgs). *Espaços poéticos= linguagens éticas: diversas práticas na américa latina*. Revista MESA n. 2. Ed. Azougue, abril 2015. p.56-61

RAMOSE, Mogobe B.. “Ubuntu” in D’ALISA, Giacomo, DEMARIA, Federico e KALLIS, Giorgos (orgs). *Decrescimento: vocabulário para um novo mundo*. Porto Alegre: Tomo, 2016. p. 273-276

ROLNIK, Suely. Ensaio: “O corpo vibrátil de Lygia Clark”, 2000. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3004200006.htm> Pesquisado em: 18/08/2016

ROLNIK, Suely. Ensaio: “Geopolítica da cafetinagem”, ano 2006. Disponível em: <<http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt> > Pesquisado em: 20/03/2018

SALTZ, Jerry. *Why 2017 need a new kind of art?*, Sleek magazine, 2016. Disponível em: < <http://www.sleek-mag.com/2017/01/12/2017-needs-new-art/> > Pesquisado em: 25/11/2016.

SMITHISON, Robert. “Uma sedimentação da mente: projetos de terra.” in FERREIRA Glória, COTRIM, Cecília (Orgs). *Escritos de Artistas*. Ed Jorge Zahar, 2006. p. 182 -197.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, v. 4, 1988.

SEIXAS, Raul. Album: Gita, 1974.

ULGIATI, Sergio. “Entropia” in D’ALISA, Giacomo, DEMARIA, Federico e KALLIS, Giorgos (orgs). *Decrescimento: vocabulário para um novo mundo*. Porto Alegre: Tomo, 2016. p 137-140

Recebido em: 15/11/2018

Aprovado em: 17/11/2018

